

O terceiro sexo no horário nobre

Francisco José Alves*

Pela primeira vez, a telenovela brasileira resolveu encarar de frente a "questão" do homossexualismo masculino. Sandrinho e Jéfferson (A Próxima Vítima, de Sílvio de Abreu, Rede Globo, março-novembro de 1995, 200 capítulos) encarnam o homossexualismo sem estereótipos, sem "folclore". Apenas uma singularidade erótica: amar o mesmo sexo.

Como era de se esperar, o público não permitiu maiores intimidades entre os personagens. Apenas olhares eloquentes e abraços pudicos. Mas foi um avanço...

No decorrer da trama pôde-se mostrar algumas posições frente à minoria erótica. Para alguns, doença; para outros, pecado, sem-vergonhice, absurdo, escândalo.

Um ponto positivo da história foi mostrar a dupla relativamente integrada na família, no grupo de idade. Nada de exilados no submundo homo.

Sinais dos tempos. A poderosa Globo antenar-se com o que vem ocorrendo na sociedade. Ela percebeu que nem só de bichas loucas e neuróticos é formada a minoria. Viva a diferença! Já era tempo de redimir a tribo mostrando-a na sua diversidade.

O caso dos dois termina bem: Sandrinho e Jéfferson vão dividir vidas e moradia. A festinha de inauguração do apê foi magistral: os dois recebendo familiares e amigos. Tudo normal, sem nenhum toque patológico.

Os guardiões da moral dizem que a novela incentivou o **hossexualismo**.

Será verdade? Cotidianamente os folhetins televisivos tratam do amor heterossexual. Ele permanece o amor padrão, canonizado pelo costume e pela Santa Madre Igreja. A novela somente fez jus a um fato social: nem todos rapazes amam na corrente. Não se quis (acredito) impor um novo modelo (o amor entre iguais) mas mostrar a multiplicidade do sentimento amoroso. Democracia, dentre outras coisas, implica conviver e respeitar as diferenças.

Bom seria se a Globo, num arroubo de ousadia, resolvesse tematizar outra minoria (?) significativa na sociedade brasileira: o bissexual. Esta fauna, não muito visível, existe e prolifera com fertilidade de coelhos. Parece ser hora de se discutir as fronteiras, reais ou imaginárias, entre as sexualidades.

Sandrinho e Jéfferson são o emblema de uma nova fase da telenovela brasileira no que toca aos comportamentos minoritários. No universo amoroso não existe apenas o clássico Romeu e Julieta mas os Sandrinhos e Jéffersons da vida. Não adianta ignorá-los ou exorcizá-los com caricaturas. Uma sociedade pluralista não pode viver sob o império heterossexista.

* Francisco José Alves é licenciado em História pela UFS, mestre em antropologia pela UNB, doutorando em História Social pela UFRJ e prof. , de Teoria, Metodologia e Historiografia do Dep., de História da UFS.

Cinform, Aracaju, 20-26 nov. 1995,